



## EDITORIAL

Entre tantos caminhos ensaiados ante a mais uma obra desses pesquisadores que se despojam de seus conhecimentos próprios e os repartem com outros – ensaio neste momento retomar alguns temas subjacentes a este editorial na tentativa de mais que prefaciá-lo colocar-me **PARCEIRA**, pois esta foi a sensação que de mim tomou posse após muitas releituras em todos esses anos compartilhados!

Decido então continuar a conversa com nossos parceiros leitores que doravante incorporam-se a nós todos uma questão ainda em construção: **qual o papel da parceria nos dias atuais? Qual a estética subjacente a um trabalho em parceria? A que ética corresponde?**

A estética ousa explorar o sentido comum aos que militam o campo artístico dizendo da necessidade de melhor explorar os principais marcos da construção ocidental. Sem deter-me nos referenciais aristotélicos e platônicos de beleza, recupero Kant ao dizer da **estética** a partir da realidade concreta dos homens – assim, os filósofos que a ele sucederam deslocam o foco da produção estética para o **sujeito** – o significado disto, uma preocupação maior com as relações entre os homens e suas subjetividades.

Instaura-se, assim, a partir do século XVIII, uma tarefa aos pensadores de sistematizar e aperfeiçoar seus sistemas a fim de aperfeiçoar esse modelo de estética ligado à beleza! Sendo assim, poderíamos inferir que a beleza estaria atrelada ao conceito de liberdade – produto da construção do próprio homem, a partir das práticas sociais.

A Ética subjacente a esse princípio deixa de ser apriorística, com valores prescritos, mas precisa ser concebida, trabalhada e apropriada pelos homens. Ao processo de internacionalização desses valores denomino **PARCERIA** – os princípios nela devem ser de tal forma concebida como próprios da subjetividade construída.

Sendo assim, a **estética coletiva** nasce em função das preferências, gostos desejos e necessidades individuais que em parceria são compartilhados com **ALEGRIA**.

O acordo tácito entre os parceiros garantirá a **coesão** – que prescinde de uma lei **formal**.



### Como construí-la?

Nossa experiência enquanto leitora desta obra diz-me da necessidade em sairmos do enquadramento de origem acadêmico/científico que valoriza apenas os valores canonizados institucional e historicamente legitimados e a eles incorporarmos os sujeitos, em sua história de vida, em sua peculiar forma de apropriação e apreensão da realidade, melhor dizendo: o conjunto de valores originados da prática cotidiana, nos caminhos percorridos da casa ao trabalho, às compras pela cidade, às roupas, aos adornos, à escolha das canções de rádio, aos programas de televisão, aos livros, às revistas, aos acessos às redes virtuais, enfim, à **VIDA**.

Nas entrelinhas de cada artigo a parceria consolidou-se como forma de reverberar o intensivamente pesquisado na multiplicidade de aspectos ofertados.

Observei atentamente o trabalho de pesquisa do resgate de si, na construção das singularidades, nos sentidos de cada palavra, definindo marcas autênticas e muito peculiares.

Não se trata de individualidades fechadas, de identidades paradas, nem de uma cristalização – trata-se da definição de práticas em práticas, de construções que se acoplam na *performance* de ações particulares, porém em **parcerias**.

Marcar a heterogeneidade contra a homogeneidade é decorrência óbvia de práticas interdisciplinares, nas quais a diferenciação e a diversificação são salutares e necessárias.

Na medida em que o mesmo é valorizado, as diferenças se auto-demonstram.

Os paradigmas não são desprezados, são apenas retirados de sua posição de predominância, alternando-se para a reconstrução de novos indicativos teóricos. A serem testados em suas metamorfoses.

**Ivani Fazenda**  
**Outubro de 2014**